

FP >>
20
30

RELATÓRIO
2025



TEÇENDO POLÍTICAS PÚBLICAS FEMINISTAS

PARA GARANTIA DE DIREITOS SEXUAIS E
REPRODUTIVOS EM CONTEXTOS DE CRISE
CLIMÁTICA

2025

CATARINAS

Profamilia

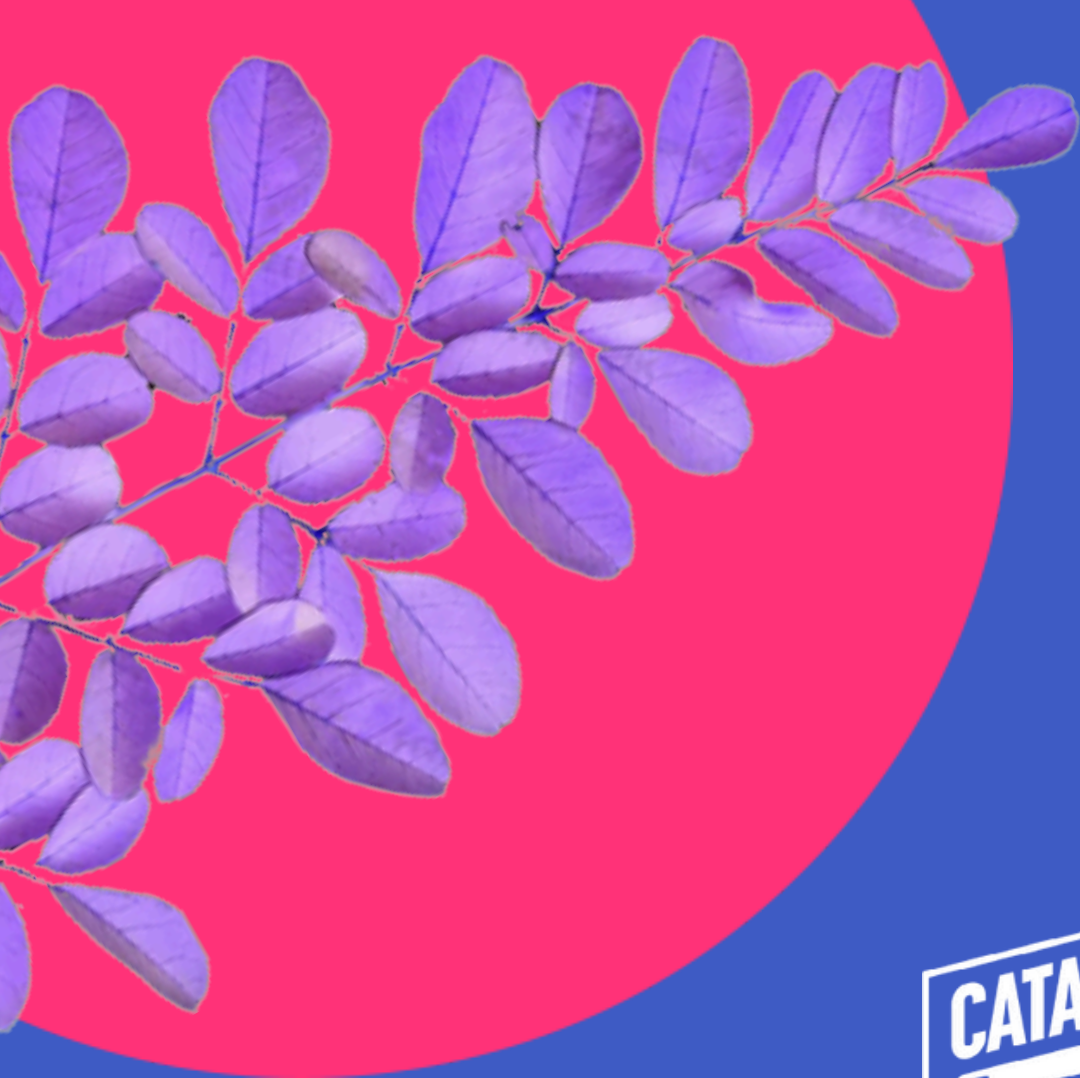
FP>>>2030



Save the Children

Share-Net
Colombia





CATARINAS

EQUIPE TÉCNICA DE RELATORIA

Elaboração técnica: Nicole A. Ballesteros Albornoz

Revisão Geral e Edição: Paula Guimarães e Kelly Ribeiro

Apoio Técnico Jornalístico: Daniela Valenga

Registro Fotográfico: Roberta Perin

Diagramação: Nicole A. Ballesteros Albornoz

Projeto Gráfico: Rafaela Coelho



FP>>>2030



Save the Children

Share-Net
Colombia





APOIO E FINANCIAMENTO

FP2030 - Iniciativa global dedicada a garantir o acesso universal ao planejamento familiar e aos direitos reprodutivos até 2030.

Share-Net Colômbia - Rede de conhecimento em saúde sexual e reprodutiva que promove a troca de experiências e práticas inovadoras na América Latina.

Profamilia - Organização colombiana de referência em saúde sexual e reprodutiva, que atua com políticas públicas e atenção comunitária.

Save the Children - Organização internacional que trabalha pela garantia dos direitos das crianças em contextos de emergência, pobreza e crise climática.

O apoio dessas instituições foi fundamental para fortalecer a produção de conhecimento, a documentação jornalística e a incidência política.

Portal Catarinas, Associação Portal Catarinas

Oficina Incidência Política para a Justiça Reprodutiva e Justiça Climática. Projeto **Tecendo Políticas Públicas Feministas para Garantia de Direitos Sexuais e Reprodutivos em Contextos de Crise Climática.**

Associação Profamilia. Equipe Técnica de Relatoria: Elaboração técnica Nicole A. Ballesteros Albornoz/ Revisão Geral e Edição Paula Guimarães e Kelly Ribeiro/Apoio Técnico Jornalístico: Daniela Valenga/Registro Fotográfico: Roberta Perin/Diagramação: Nicole A. Ballesteros Albornoz/Projeto Gráfico Rafaela Coelho. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. 2025.

Relatório. 52 páginas.





“

**NÃO TENHO MAIS FOTOS
DA INFÂNCIA**

”

**MEMÓRIAS, PERDAS E RESISTÊNCIAS DAS MULHERES
NAS ENCHENTES DO RIO GRANDE DO SUL**



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	8
OBJETIVOS	9
INCIDÊNCIA POLÍTICA	10
METODOLOGIA DAS OFICINAS	14
DESCRITIVO DAS OFICINAS	20
REVISÃO DO GUIA DA ESPERANÇA	36
CARTA COLETIVA	41
PROGRAMAÇÃO DAS OFICINAS	48



APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como cenário as enchentes que devastaram o estado Rio Grande do Sul, no ano de 2024. Foi a partir das consequências da catástrofe que se tornaram evidentes as desigualdades socioterritoriais, de gênero, raça e classe social na região.

Movimentos feministas e comunitários passaram a se organizar para enfrentar as ausências e morosidade do Estado, construindo redes de cuidado, cozinhas coletivas, abrigos, acolhimento e assistência.

As respostas emergiram de forma imediata, tão intensas quanto as chuvas que caíam sobre casas, bairros e comunidades, sendo construídas coletivamente por organizações sociais e voluntárias, o que deu origem a protocolos comunitários e ações de solidariedade.

Apesar das estratégias combinadas e de mobilização social, existiram lacunas significativas em torno a garantia de direitos reprodutivos de mulheres, jovens e meninas, no contexto emergencial.

Esse processo resultou em ações concretas e, sobretudo, em incidência política, por meio da realização das oficinas.

OBJETIVO GERAL

Colaborar na elaboração e implementação de respostas efetivas e adequadas para a garantia de direitos sexuais e reprodutivos em contextos de crise climática.

OBJETIVO ESPECÍFICOS

Realizar três oficinas com foco no debate político sobre a garantia de direitos sexuais e reprodutivos em contextos de crise climática.

Produzir uma carta em busca de soluções governamentais de curto, médio e longo prazo, no âmbito da prevenção e mitigação de desastre climático.

Produzir um relatório com a sistematização do conhecimento coproduzido pelas participantes das oficinas e com as vivências compartilhadas.

Realizar ação de incidência política conjunta às lideranças locais com foco as formuladores e gestores de políticas públicas de Porto Alegre.

Apresentar a atuação da FP2030, durante as oficinas, para as participantes, incentivando-as a assinarem os compromissos com a aliança FP2030.

Inscrever resumo na Conferência Internacional de Planejamento Familiar com o trabalho periodístico realizado na 1ª Etapa.

Participar do subcomitê de mudança climática e meio ambiente.



INCIDÊNCIA POLÍTICA

No início de 2025, o Catarinas lançou o 'Guia da Esperança: práticas para garantir justiça reprodutiva e climática', com apoio da FP2030, Share-Net Colômbia, Profamilia e Save the Children. A publicação lançou diretrizes baseadas em conhecimento científico e experiências vividas por mulheres que estiveram na linha de frente da catástrofes, com a finalidade política de orientar políticas públicas e planos emergenciais.

O guia foi acompanhado por três reportagens especiais e duas web stories que documentaram os impactos das enchentes às mulheres, jovens e meninas, além de desvelar as especificidade que acompanham as trajetórias de vida de mulheres indígenas e de mulheres de axé (pertencentes à religião de matriz africana).

As “Oficinas Incidência Política para Justiça Reprodutiva e Justiça Climática” realizadas nos dias 1 e 2 de agosto, deste ano, foram, assim, a continuidade desse processo. Com as oficinas foi possível uma imersão sobre os acontecimentos, transformando experiências individuais e coletivas em propostas concretas e necessárias para uma incidência política orientada em práticas destinadas às mulheres, jovens e meninas.



“ —
NÃO ERA BARRO, ERA
MERDA. A MÍDIA NÃO DEU
A DIMENSÃO DO
PROBLEMA. |

— ”

MEMÓRIAS, PERDAS E RESISTÊNCIAS DAS MULHERES
NAS ENCHENTES DO RIO GRANDE DO SUL

RESULTADO ESPERADO

Sistematização do conhecimento coproduzido e das experiências vivenciadas durante as oficinas, bem como, a politização das vivências para criação e fortalecimento de estratégias governamentais e não - governamentais em cenários de desastres climáticos.

RESULTADO ALCANÇADO

O resultado esperado foi alcançado. E desdobrou-se em duas intervenções práticas: a revisão do Guia da Esperança e validação das mulheres lideranças (público-alvo) das diretrizes; e a Carta Coletiva, na qual foram pautadas demandas urgentes, pós-desastre.

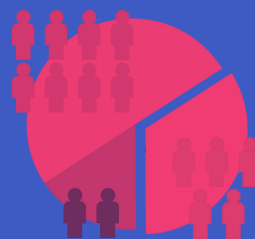
CONHECIMENTOS COPRODUZIDOS

A sistematização coletiva das oficinas resultou em análises críticas que apontaram lacunas e ao mesmo tempo, caminhos para a incidência política, no âmbito da prevenção e mitigação de crise climática:

- ▶ Os documentos oficiais devem adotar linguagem inclusiva e reconhecer identidades diversas.
- ▶ O Protocolo de Proteção às Mulheres e Crianças em Situação de Emergência Climática deve se converter em referência oficial.
- ▶ Criação de comitês intersetoriais permanentes e conselhos locais de crise nas comunidades.
- ▶ Assegurar comunicação comunitária acessível, com descentralização das ações e co-responsabilização. Incluir a justiça reprodutiva como eixo transversal das políticas públicas.

PÚBLICO-ALVO

Mulheres lideranças de organizações comunitárias e feministas. Participaram 12 mulheres.



REVISÃO DO GUIA

O Guia da Esperança foi validado pelas lideranças com necessidade de aperfeiçoamento.



CARTA COMPROMISSO

A Carta Coletiva foi entregue às autoridades locais do Rio Grande do Sul e, posteriormente, foi enviado digitalmente à autoridades federais.



METODOLOGIA DAS OFICINAS

Entre dores, memórias e resistências, a corpografia transformou vivências individuais em denúncia coletiva, revelando tanto a injustiça territorial quanto a força das práticas de cuidado e esperança.



“ —
**TERRA DE UM LADO,
ÁGUA DO OUTRO E A
GENTE NO MEIO.** |
— ”

**MEMÓRIAS, PERDAS E RESISTÊNCIAS DAS MULHERES
NAS ENCHENTES DO RIO GRANDE DO SUL**



METODOLOGIA DAS OFICINAS

As noções de **justiça reprodutiva** e **justiça climática interseccionadas** orientaram a proposta metodológica das oficinas.

A **justiça reprodutiva** abarca os direitos de mulheres, jovens e meninas, além de pessoas não binárias e transmasculinas, na garantia de acesso seguro e informado à saúde sexual e reprodutiva. Serviços como pré-natal, planejamento familiar, contraceptivos e aborto legal, de forma acessível e humanizada, são compromissos e atuação de responsabilidade governamental para que a justiça reprodutiva aconteça.

A **justiça climática** reconhece que os efeitos das mudanças climáticas e socioambientais afetam de forma desigual a população, atingindo com mais intensidade os grupos historicamente vulneráveis. O conceito, portanto, busca identificar as raízes das disparidades, para confluir, de maneira mais justa e equilibrada, em respostas de curto, médio e longo prazo com foco nos direitos humanos. As apostas políticas na busca por justiça climática, por organizações da sociedade civil, têm tensionado e impulsionado ações estatais diante do tema em questão.

Tais noções, nas oficinas, subsidiaram o planejamento das atividades realizadas. Para o fortalecimento de respostas efetivas e assertivas nos contextos emergenciais, destinadas às mulheres, jovens e meninas e outras identidades de gênero, mencionadas anteriormente.

METODOLOGIA DAS OFICINAS

Com o objetivo de **construir um processo coletivo de articulação e incidência política**, articulando as dimensões das **justiças reprodutiva e climática**, as oficinas foram divididas em 3 períodos, contempladas em dois dias (1 e 2 de agosto de 2025), conforme descritivo.

As oficinas foram pensadas partir dos resultados obtidos na elaboração do “Guia da Esperança”. A proposta buscou estabelecer interações entre as participantes por meio de **intervenções criativas, lúdicas, analíticas e com a valorização das experiências vivenciadas nos contextos de desastres**, mediadas coletivamente tanto por participantes como pelas facilitadoras.

A **1ª Oficina** que aconteceu no período noturno, no dia **1 de agosto**, do presente ano, foi dividida em dois momentos:

O primeiro momento contou com a ‘Chegança’, como costuma-se chamar nos encontros feministas o instante de chegada e acolhimento das convidadas. Com café coletivo de boas-vindas, seguiu-se para a apresentação das participantes e facilitadoras.

A aposta metodológica com a atividade da **Teia do Cuidado**, explorou as **trajetórias de vidas com escuta afetiva**. O resultado dessa dinâmica foi a criação de conexões significativas, em que as vivências nas enchentes revelou-se o denominador comum entre elas.

METODOLOGIA DAS OFICINAS

No segundo momento adotou-se a **corpografia** como metodologia. A mesma é centrada no **autocuidado** e parte da necessidade de **politizar as emoções** a partir dos **sentimentos, traumas e vivências dos corpos coletivos**, compreendidos como **corpo-territórios**.

A **proposta metodológica feminista reconhece o corpo como território de memória e autocuidado**. E foi por meio do mapeamento das emoções incorporados no desenho (de corpos), que as participantes **cocriaram** autorretratos, com a possibilidade nesse momento dos corpos serem escutados e situados no tempo histórico presente e passado. A corpografia, portanto, busca estimular leituras individuais e coletivas das trajetórias experienciadas pelas mulheres.

A partir do desenho dos corpos-territórios houve o momento de partilha, com a explicação dos símbolos e sentimentos. A **Socialização da Corpografia**, momento de grande profundidade das experiências e traumas, teve lugar no segundo dia, 2 de agosto, pela manhã.

As escolhas das profissionais responsáveis pela condução da atividade foram fundamentais para orientar e garantir o resultado esperado.





METODOLOGIA DAS OFICINAS

As profissionais, a psicóloga e a assistente social, foram ferramentas importantes para a condução da atividade, devido à processualidade dos traumas internalizados com a catástrofe socioambiental enfrentadas e verbalizados nas oficinas.

Para assegurar o objetivo proposto de **revisão e validação do Guia da Esperança**, a atividade foi conduzida pela assistente social, que de maneira explicativa orientou as lideranças para as intervenções desejadas, agrupando as participantes em grupos por eixos temática.

Foi realizado uma pausa para o almoço, após o retorno, foram concluídas as alterações para melhoria do guia.

As **três oficinas do projeto foram organizadas em continuidade e complementares entre si**, com propostas interventivas e de cooperação, propiciando escuta respeitosa entre todas as participantes. A metodologia projetada foi capaz de estabelecer **vínculos e conexões políticas e seguras**, propositivas e estratégias para a criação de ações voltadas para a justiça reprodutiva e climática, interseccionadas com raça, gênero e classe social.

A construção textual coletiva de elaboração da **Carta Compromisso às autoridades locais**, entregue dois dias após a realização das oficinas, assumiu o papel político de incidência desejado na ação.

DESCRITIVO DAS OFICINAS

Nos dias 1 e 2 de agosto de 2025, as oficinas reuniram mulheres, mães, lideranças comunitárias, defensoras de direitos humanos, comunicadoras sociais, trabalhadoras do sexo, promotoras legais populares e mulheres de axé. Mulheres lideranças de coletivos locais e feministas.



“ —
**TODA CHUVA QUE DURA
TRÊS DIAS É GATILHO:
BATE O DESESPERO E
COMEÇO A BEBER MAIS** |
— ”

**MEMÓRIAS, PERDAS E RESISTÊNCIAS DAS MULHERES
NAS ENCHENTES DO RIO GRANDE DO SUL**

01 OFICINA 1 AGO 2025 DESCRITIVO DAS OFICINAS

ATIVIDADE 1 - TEIA DE CUIDADO

Exposição/Facilitação:

Nicole Ballesteros (Portal Catarinas)

Participantes: Bruna Ghiorzi – Clínica Feminista Antirracista Interseccional UFRGS; Chirlei Fischer – Grupo de Mulheres Eroltides Brasil (MTD); Claudia Prates – Marcha Mundial das Mulheres RS e Fórum Aborto Legal RS; Claudia Stella Rodrigues Santana de Resende – A Roça Casa dos Orixás; Fabiane Dutra – Conselho Estadual dos Direitos da Mulher RS; Leina Peres - Rede Feminista de Saúde; Michelle Vieceli – Povoada da Luz; Patrícia Wonglon Marques - A Roça Casa dos Orixás; Raquel Santin Moura - Grupo de Mulheres Eroltides Brasil (MTD); Renata Jardim - Fórum Aborto Legal RS; Tayara Maronesi – Instituto E Se Fosse Você?



OBJETIVO

Apresentação da programação às convidadas e realização de atividade de boas vindas.



01 OFICINA 1 AGO 2025 DESCRITIVO DAS OFICINAS

A atividade foi conduzida pela assistente social Nicole Ballesteros, que juntamente com a jornalista Paula Guimarães receberam as lideranças com um café de acolhida.

Nicole Ballesteros fez uma fala de abertura com agradecimento às participantes pela presença. A continuidade, Paula Guimarães saudou as convidadas e compartilhou expectativas e propostas das oficinas, dos dois dias.

Uma das participantes, convidada para conduzir as atividades da noite, a psicóloga Tayara Maronesi, do Instituto E Se Fosse Você? - parceira na realização das oficinas no território, apresentou-se brevemente.

Nicole Ballesteros abriu os trabalhos do dia, com a atividade Teia de Cuidado. Na qualidade de escuta coletiva, a atividade de forma lúdica promoveu interações e trocas, diante das diversas trajetórias de vidas, resultando em uma grande teia entrelaçada no salão. A roda tecida possibilitou a construção de um ambiente seguro para o avanço das atividades planejadas para este público.

A dinâmica foi avaliada positivamente pelas lideranças convidadas e, a partir dela, todas assumiram o compromisso de participação livre e consentida nas oficinas.

01 OFICINA 1 AGO 2025 DESCRITIVO DAS OFICINAS

ATIVIDADE 2 - CORPOGRAFIA: AUTOUIDADO, VIVÊNCIAS E ESCUTA DO CORPO - TERRITÓRIO

Facilitação: Nicole Ballesteros (Portal Catarinas) e Tayara Maronesi (Instituto E Se Fosse Você?)

Participantes: Bruna Ghiorzi – Clínica Feminista Antirracista Interseccional UFRGS; Chirlei Fischer – Grupo de Mulheres Eroltides Brasil (MTD); Claudia Prates – Marcha Mundial das Mulheres RS e Fórum Aborto Legal RS; Claudia Stella Rodrigues Santana de Resende – A Roça Casa dos Orixás; Fabiane Dutra – Conselho Estadual dos Direitos da Mulher RS; Leina Peres - Rede Feminista de Saúde; Michelle Vieceli – Povoada da Luz; Patrícia Wonglon Marques - A Roça Casa dos Orixás; Raquel Santin Moura - Grupo de Mulheres Eroltides Brasil (MTD); Renata Jardim - Fórum Aborto Legal RS.



OBJETIVO

Promoção de espaço seguro para escuta e trocas das experiências vivenciadas nas enchentes e politização das vivências (emoções, cuidado e sentires).



01 OFICINA 1 AGO 2025 DESCRITIVO DAS OFICINAS

A oficina foi conduzida por Nicole Ballesteros (Portal Catarinas), com mediações pontuais de Tayara Maronesi (Instituto E se Fosse Você?).

Inicialmente, as facilitadoras apresentaram a proposta metodológica e os objetivos da atividade, complementando com uma fala sobre autocuidado e politização das emoções, destacando sua importância para o público-alvo. Foram citadas autoras feministas e ressaltadas as repercussões do autocuidado na qualidade de vida das mulheres.

Em seguida, Nicole Ballesteros pediu às participantes que formassem trios para dar início à corpografia. Foram disponibilizados: papel pardo, canetões e giz coloridos.

Cada trio recebeu um pedaço de papel destinado ao desenho do corpo, tomando como base uma das companheiras. O papel foi fixado nas paredes para facilitar o contorno corporal. A partir desse contorno — chamado de corpo-território —, Nicole solicitou às participantes que mapeassem as emoções e sensações vividas durante o período das enchentes, registrando-as dentro do corpo desenhado.

Nesse momento, as lideranças envolvidas na atividade realizaram trocas dentro dos trios, cooperando coletivamente para a corpografia — ou seja, mapeando juntas as experiências emocionais e os traumas vivenciados.

01 OFICINA 1 AGO 2025 DESCRITIVO DAS OFICINAS

Com a primeira etapa concluída, passou-se para a próxima, na qual foi solicitado às participantes o mapeamento de redes governamentais e não governamentais que estiveram presentes junto aos corpos-territórios dessas mulheres.

Com o resultado, foi possível a identificação da rede de voluntários e de solidariedade conformada nas localidades em que residem essas mulheres, rurais e urbanas, durante as enchentes de 2024.

O desenho de redes, serviços e voluntários foi feito fora do corpo, ainda no mesmo papel disponibilizado, reverberando as conexões internas e externas da atuação das lideranças, com o objetivo de atribuir ao corpo coletivo e político a memória.

Com a conclusão dessa etapa, as atividades da 1ª Oficina foram encerradas por Nicole e Paula, que reforçaram a importância da participação no dia seguinte.

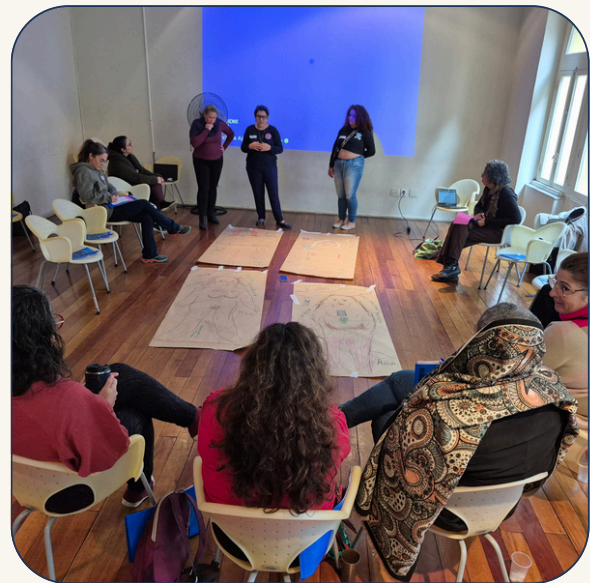
Cabe ainda destacar que a atividade de corpografia revelou um mosaico de dores, memórias e resistências inscritas nos corpos das participantes. Em cada grupo, foi possível perceber que o exercício de desenhar símbolos e narrar sentimentos coletivos produziu conexões potentes sobre a experiência da enchente e suas marcas subjetivas, diante de um desafio concreto e imediato, em que os corpos-territórios foram acionados pela força das águas.

02 OFICINA 2 AGO 2025 DESCRITIVO DAS OFICINAS

ATIVIDADE 3 - SOCIALIZAÇÃO DA CORPOGRAFIA EM VARAL COLETIVO

Facilitação: Nicole Ballesteros

Participantes: Bruna Ghiorzi – Clínica Feminista Antirracista Interseccional UFRGS; Chirlei Fischer – Grupo de Mulheres Eroltides Brasil (MTD); Claudia Prates – Marcha Mundial das Mulheres RS e Fórum Aborto Legal RS; Claudia Stella Rodrigues Santana de Resende – A Roça Casa dos Orixás; Fabiane Dutra – Conselho Estadual dos Direitos da Mulher RS; Leina Peres - Rede Feminista de Saúde; Michelle Vieceli – Povoada da Luz; Patrícia Wonglon Marques - A Roça Casa dos Orixás; Raquel Santin Moura - Grupo de Mulheres Eroltides Brasil (MTD); Renata Jardim - Fórum Aborto Legal RS.



OBJETIVO

Socialização a partir da oralidade e apresentação dos corpos-territórios desenhados coletivamente, bem como, das experiências vivenciadas nas enchentes.



02 OFICINA 2 AGO 2025 DESCRITIVO DAS OFICINAS

A apresentação dos corpos-territórios, desenhados coletivamente, foi partilhada por cada grupo na manhã do segundo dia de atividades, durante a 2ª Oficina.

A condução foi realizada por Nicole (Portal Catarinas), com mediações pontuais de Tayara (Instituto E se Fosse Você?). Para a socialização, cada grupo foi convidado a comentar sobre a atividade realizada e a sinalizar os desenhos e símbolos representados no corpo-território, garantindo, assim, o entendimento coletivo e a troca de experiências vivenciadas.

A socialização despertou um intenso diálogo entre todas, a partir do vivido em diferentes comunidades e histórias.

O primeiro grupo destacou a sobrecarga vivida pelos corpos das mulheres: “a cabeça não para; mesmo deitada, continua trabalhando quando deveria estar descansando.” O corpo foi representado como uma “máquina”, em razão dos movimentos repetitivos e mecânicos em meio ao caos.

Nesse grupo, foi desenhada uma ponte, cuja simbologia ocupou lugar central nas experiências relatadas: de um lado, o rompimento que deixou populações inteiras isoladas e invisíveis; de outro, a ajuda organizada por moradores do lado oposto, que coordenaram ações de doação para a comunidade.

02 OFICINA 2 AGO 2025 DESCRITIVO DAS OFICINAS

Ainda na partilha do primeiro grupo, foi possível observar a força da auto-organização das mulheres, nas palavras de uma delas: “Com pouco, fizemos muito: a cozinha coletiva, o curso de Promotoras Legais Populares. As mulheres da cidade têm a gente como referência.” As participantes sinalizaram que o processo de mobilização política e resistência, aconteceu mesmo “com água até o pescoço”.

O segundo grupo socializou sentimentos de solidão e desamparo, relatando as experiências vividas durante as enchentes na capital gaúcha: “Me sentia absolutamente sozinha, sentimento de solidão.” No entanto, o grupo concluiu que a mobilização comunitária manteve viva a esperança: “Apesar da tristeza, nunca perdemos a esperança.”

Essa experiência foi atravessada pela invisibilidade das dores das lideranças, expressa na pergunta que ecoou em várias falas: “Quem cuida de quem cuida?”

O terceiro grupo denunciou o racismo ambiental e religioso sofrido. A comunidade, localizada em uma das primeiras áreas afetadas pelas chuvas, enfrentou a intensidade das águas que transformaram terras de plantio em barro e lama, além de vivenciar episódios de intolerância religiosa. As lideranças comunitárias — mulheres de axé — não foram contempladas com locais específicos de abrigo nem com respostas que garantissem a preservação de suas crenças e práticas religiosas sem discriminação.

02 OFICINA 2 AGO 2025 DESCRITIVO DAS OFICINAS

Uma das falas revelou a violência sofrida: “Quem tinha contas (colares no pescoço) de religião de matriz africana não tinha direito à comida: ou rezava, ou comia.”

O desenho do grupo também evidenciou as marcas da lama inscritas nos corpos-territórios das mulheres. Relataram que, diante da falta de recursos, utilizaram retalhos de roupas doadas — peças que não serviam para uso cotidiano — como absorventes durante o período menstrual. Após o uso, esses panos eram enterrados na lama.

O corpo coletivo foi representado como um corpo adoecido na pintura: “Nós, cheias de dores, sem forças para andar no meio do barro.” Gastrite, ansiedade e esgotamento físico foram apontados como marcas do trauma. O grupo concluiu que a enchente não deve ser anunciada como “desastre natural”, mas sim como fruto da má gestão e da ineficiência dos gestores públicos.

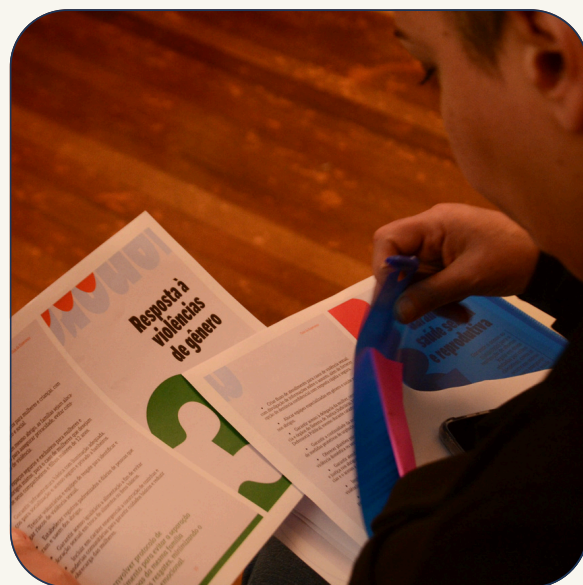
O quarto grupo concentrou-se em denunciar as violações de direitos nos abrigos e os efeitos socioemocionais do trauma. O sentimento de incerteza atravessa o futuro coletivo, alimentado pelos gatilhos que as fortes chuvas despertaram nos corpos-territórios. Ainda assim, concluiu-se que a potência das ações se sustenta na memória como ferramenta política: “Nossas memórias são cicatrizes. A memória é uma dimensão importante da nossa vida: que não se esqueça para que nunca mais aconteça.”

02 OFICINA 2 AGO 2025 DESCRITIVO DAS OFICINAS

ATIVIDADE 4 - REVISÃO DO GUIA DA ESPERANÇA

Facilitação: Paula Guimarães (Portal Catarinas) e Nicole Ballesteros (Portal Catarinas).

Participantes: Bruna Ghiorzi – Clínica Feminista Antirracista Interseccional UFRGS; Chirlei Fischer – Grupo de Mulheres Eroltides Brasil (MTD); Claudia Prates – Marcha Mundial das Mulheres RS e Fórum Aborto Legal RS; Claudia Stella Rodrigues Santana de Resende – A Roça Casa dos Orixás; Fabiane Dutra – Conselho Estadual dos Direitos da Mulher RS; Leina Peres - Rede Feminista de Saúde; Michelle Vieceli – Povoada da Luz; Patrícia Wonglon Marques - A Roça Casa dos Orixás; Raquel Santin Moura - Grupo de Mulheres Eroltides Brasil (MTD); Renata Jardim - Fórum Aborto Legal RS.



OBJETIVO

Revisão do Guia da Esperança para aperfeiçoamento do instrumento político e validação das lideranças que atuaram na linha de frente das enchentes.



02 OFICINA 2 AGO 2025 DESCRITIVO DAS OFICINAS

O Guia da Esperança: práticas para garantir justiça reprodutiva e climática, publicado no início de 2025, integra o conhecimento científico às vivências de mulheres em cenários de crise climática, tomando como referência a experiência do estado do Rio Grande do Sul durante as enchentes de 2024.

A revisão do material, prevista no projeto, teve como objetivo fortalecer as estratégias apresentadas como respostas governamentais e não governamentais aos desastres socioambientais, além de validar as ações por meio de trocas e diálogos com as lideranças que estiveram na linha de frente durante as enchentes.

Esse processo contou com a cooperação das próprias lideranças para a realização de ajustes e o aperfeiçoamento do guia, consolidando-o como um instrumento político voltado à garantia dos direitos reprodutivos de mulheres (cis e trans), jovens, meninas, pessoas não binárias e transmasculinas.

A atividade teve início com a apresentação do Guia pela jornalista Paula Guimarães. Em seguida, Nicole Ballesteros detalhou a metodologia proposta para as ações coletivas de revisão. Posteriormente, as participantes foram divididas em grupos organizados por eixos temáticos, correspondentes às dez diretrizes contidas no documento.

02 OFICINA 2 AGO 2025 DESCRITIVO DAS OFICINAS

Além da divisão em grupos, também foram estabelecidos critérios para a revisão:

- Melhoria - ausências com inclusão de pontos;
- Reformulação - adequação de proposta em outro eixo;
- Reedição - reelaboração de redação para garantir acessibilidade e linguagem não sexista;
- Pontos fortes - aprimoramento.

Após a divisão, os grupos trabalharam separadamente na sala e as facilitadoras estiveram tirando dúvidas nos grupos junto às participantes.

A explicação das alterações, bem como, sua necessidade de melhoria, reformulação e reedição foram feitas pelas participantes e adotadas pela relatoria.

O resultado da atividade foi positivo pela equipe e pelas participantes, sinalizadas na socialização de medidas para a garantia de respostas pautadas pelas mulheres e para as mulheres e diferentes identidades de gênero, que sofrem com a ausência do Estado e morosidade de atenção relacionadas, sobretudo, a saúde e assistência social.

A sistematização de pontos destacados na atividade constam nas próximas páginas (37 - 39). Conclui-se ainda, com o debate que o guia além de instrumento político é um documento inacabado e aberto, necessária sua revisão e aprofundamento dos direitos reprodutivos interpretados como eixo articulador de todos os eixos/diretrizes.

02 OFICINA 3 AGO 2025 DESCRITIVO DAS OFICINAS

ATIVIDADE 5 - CONSTRUÇÃO COLETIVA DA CARTA COMPROMISSO

Facilitação: Paula Guimarães
(Portal Catarinas)

Participantes: Bruna Ghiorzi – Clínica Feminista Antirracista Interseccional UFRGS; Chirlei Fischer – Grupo de Mulheres Eroltides Brasil (MTD); Claudia Prates – Marcha Mundial das Mulheres RS e Fórum Aborto Legal RS; Claudia Stella Rodrigues Santana de Resende – A Roça Casa dos Orixás; Fabiane Dutra – Conselho Estadual dos Direitos da Mulher RS; Leina Peres - Rede Feminista de Saúde; Michelle Vieceli – Povoada da Luz; Patrícia Wonglon Marques - A Roça Casa dos Orixás; Raquel Santin Moura - Grupo de Mulheres Eroltides Brasil (MTD); Renata Jardim - Fórum Aborto Legal RS.



OBJETIVO

Elaboração de Carta Coletiva para Incidência Política junto à autoridades locais.



02 OFICINA 3 AGO 2025 DESCRITIVO DAS OFICINAS

A elaboração da carta — inicialmente intitulada Carta Compromisso e, após sua finalização e divulgação pública, denominada Carta Coletiva — surgiu das inquietações e do mal-estar vividos pelas lideranças nos meses que sucederam as enchentes.

A atividade foi conduzida por Paula Guimarães, que apresentou uma proposta de formatação. A partir dela, cada participante contribuiu com pontos e demandas que deveriam compor o documento.

A Carta Coletiva foi assinada posteriormente pelas participantes, após uma revisão minuciosa realizada por Paula, que garantiu a linguagem formal e a legitimidade do processo como resultado das oficinas.

O documento assumiu o papel de síntese política da dor coletiva, reunindo exigências relacionadas à saúde sexual e reprodutiva, aos abrigos e à gestão de emergências, à saúde mental, ao orçamento público, à moradia e reconstrução, além da criação de mecanismos de controle social.

A versão integral da Carta Coletiva encontra-se mais adiante neste relatório.

REVISÃO DO GUIA

Propostas destacadas na revisão: criação de abrigos exclusivos e acessíveis; gestão feminista dos abrigos; acesso garantido ao aborto legal; protocolos de enfrentamento às violências de gênero; comunicação comunitária com rádios, megafones e internet por satélite; políticas de cuidado e acolhimento psicossocial; e criação de um fundo emergencial para mulheres e crianças em desastres.





REVISÃO DO GUIA DA ESPERANÇA

Um dos pontos centrais levantados pelas lideranças durante a revisão do Guia da Esperança foi a percepção de que, embora seja um instrumento valioso e mobilizador, ainda apresenta caráter excessivamente abrangente.

O documento contempla de forma ampla os direitos de mulheres (cis e trans), jovens, meninas e identidades de gênero não binárias e transmasculinas. No entanto, essa abrangência acaba diluindo o que deveria ser seu diferencial: o enraizamento específico na justiça reprodutiva.

As atividades destacaram a necessidade de que o Guia incorpore esse tema como eixo estruturante e transversal em todas as dez diretrizes.

As participantes defenderam que o Guia deve reafirmar a centralidade da saúde e dos direitos sexuais e reprodutivos em situações de crise climática, em sua dimensão histórica e social. Isso inclui garantir o acesso contínuo a contraceptivos, a oferta de serviços de aborto legal com uso de misoprostol em unidades básicas e móveis de saúde, a atenção ao pré-natal e ao puerpério, além da implementação de protocolos de prevenção e resposta à violência sexual.

Esse aprimoramento é essencial para que o Guia não se dilua em diretrizes genéricas, mas mantenha sua força como instrumento político de incidência voltado à justiça reprodutiva, evidenciando a interseção entre gênero, raça e classe que atravessa as violações vividas por mulheres e demais identidades impactadas pela violência de gênero em contextos de crise.

REVISÃO DO GUIA DA ESPERANÇA

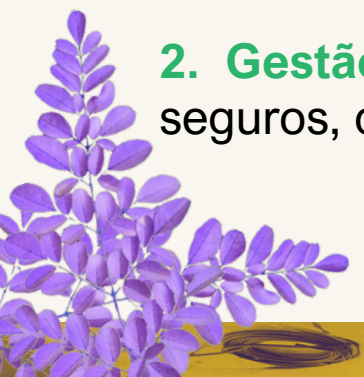
As lideranças que participaram das oficinas apontaram que o documento deve:

- Aprofundar a dimensão da saúde e dos direitos sexuais e reprodutivos em situações de crise climática (contracepção, aborto legal, prevenção e cuidado frente à violência sexual, saúde pré-natal e puerpério).
- Evitar que se perca em um leque muito genérico de direitos, mantendo a justiça reprodutiva como eixo central e estruturante.
- Reforçar que a interseção entre gênero, raça e classe se manifesta de forma mais intensa justamente nas violações ligadas ao corpo e à autonomia reprodutiva.
- Ser pensado como instrumento político de pressão para garantir políticas públicas concretas de justiça reprodutiva em emergências, e não apenas como um manual de direitos em geral.

Propostas de aprimoramento por **eixo temático**, trabalhados dois por grupo:

1. Planejamento e Prevenção – conselhos locais, comitês intersetoriais, uso de escolas e centros comunitários como pontos de apoio.

2. Gestão de Abrigos – protocolos feministas, espaços seguros, diversidade religiosa, acessibilidade, autogestão.



REVISÃO DO GUIA DA ESPERANÇA

3. Violências de Gênero – plantões psicossociais em todas as frentes emergenciais, treinamento das equipes, acolhimento psicossocial.

4. Saúde Sexual e Reprodutiva – eixo que precisa ser fortalecido: acesso garantido ao misoprostol para abortos legais em unidades móveis e UBSs; distribuição contínua de contraceptivos; ações educativas em SSR; apoio integral a gestantes e puérperas.

5. Comunicação – rádios comunitárias, megafones, internet via satélite, materiais acessíveis (áudio, braile, visuais) e traduções multilíngues.

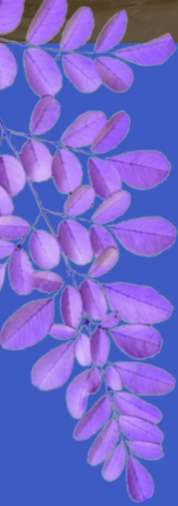
6. Proteção às Populações Vulneráveis – SUS com equidade para indígenas, quilombolas, povos de axé, ciganos, LGBTQIAPN+ e pessoas em situação de rua.

7. Saúde Mental – rodas de cuidado, acolhimento a voluntárias e lideranças, programas de apoio de longo prazo.

8. Fortalecimento de Políticas Públicas – fundo emergencial para mulheres e crianças; orçamento garantido; fortalecimento de conselhos de políticas e de direitos.

9. Monitoramento e Dados – sistemas de registro de VBG em diálogo com movimentos sociais; indicadores específicos de justiça reprodutiva.

10. Participação Social – melhoria de instrumentos de diálogo e consultas públicas em contextos de catástrofes



**“ —
EU FIQUEI TRINTA DIAS,
VINTE E DOIS DIAS SEM
PODER ACESSAR CASA,
ROUPA, NADA. NÓS
FICAMOS SEM CALCINHA. |
— ”**

**MEMÓRIAS, PERDAS E RESISTÊNCIAS DAS MULHERES
NAS ENCHENTES DO RIO GRANDE DO SUL**

CARTA COLETIVA

A carta é um documento coletivo construído a partir do diagnóstico inicial feito com base na abordagem de design de políticas, que parte da escuta ativa e da compreensão das experiências concretas das comunidades.



CARTA COLETIVA

A Carta Coletiva por Justiça Reprodutiva e Climática foi entregue em 5 de agosto de 2025, na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul (ALRS), em ato político marcado pela incidência direta das lideranças feministas.

O documento foi entregue pessoalmente por Paula Guimarães, diretora-executiva da Associação do Portal Catarinas, ao deputado Pepe Vargas (PT), presidente da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, e à deputada Bruna Rodrigues (PCdoB), procuradora da Mulher na Assembleia. Também estiveram presentes Fabiane Dutra, presidenta do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher (CEDM-RS), Manuela D'Ávila, presidenta do Instituto E Se Fosse Você?, Tayara Maronesi, psicóloga do instituto, e Fran Rodrigues, coordenadora do Plantão de Apoio Colmeia, projeto do Instituto.



CARTA COLETIVA POR JUSTIÇA REPRODUTIVA E CLIMÁTICA ÀS AUTORIDADES DO RIO GRANDE DO SUL

Nós, mulheres, mães, lideranças comunitárias, promotoras legais populares, defensoras de direitos humanos, mulheres de axé, trabalhadoras do sexo, comunicadoras, integrantes de coletivos, redes e organizações sociais, reunidas nas Oficinas Incidência Política para Justiça Reprodutiva e Climática, viemos, por meio desta carta, apresentar publicamente demandas e questionamentos legítimos, construídos de forma coletiva a partir de nossas vivências, saberes e experiências territoriais.

Passado um ano e três meses desde as enchentes que devastaram nossas casas, nossos corpos e nossas comunidades, seguimos enfrentando a ausência de respostas à altura da gravidade do que vivemos. Essa tragédia não foi “natural”: foi potencializada pela falta de prevenção, pela má gestão e pelo abandono histórico de populações que sempre estiveram à margem.

Diante desse abandono, fomos nós que agimos. Com pouco, fizemos muito. Construimos redes de cuidado, levantamos cozinhas coletivas, arrecadamos itens básicos, improvisamos absorventes e calcinhas quando nada chegava. Mantivemos vivos protocolos de solidariedade, justiça reprodutiva, saúde comunitária, memória coletiva e enfrentamento à violência de gênero — ações sustentadas por nossa força comunitária, frequentemente ignoradas pelo poder público.

Com base nos diálogos e reflexões realizados durante as Oficinas, nos dias 1 e 2 de agosto, em Porto Alegre, apresentamos as seguintes perguntas e exigências, que requerem respostas formais, públicas e imediatas:

1. Quais ações foram realizadas até agora com base nos protocolos, guias e propostas da sociedade civil, movimentos feministas e de mulheres? Por exemplo: a recomendação conjunta para a ampliação de serviços de aborto legal no Rio Grande do Sul e o Protocolo de proteção às mulheres e crianças em situações de emergência climática.
2. Que políticas permanentes e intersetoriais o Governo do Estado está implementando, com orçamento garantido, para prevenir e enfrentar novas crises climáticas, considerando os impactos sobre mulheres em sua diversidade (cis e trans), crianças, pessoas transmasculinas, não binárias e outras identidades de gênero?
3. Como está organizada a Secretaria Estadual de Políticas para Mulheres para enfrentar a crise climática?
4. Possui orçamento suficiente? Existem espaços para participação da comunidade e controle social?
5. O plano de contingência foi aplicado com foco na perspectiva de gênero? Quais resultados e dados podem ser apresentados?
6. Qual o orçamento utilizado até agora e qual está previsto para atender às demandas dos movimentos feministas e de mulheres, nas áreas de saúde, moradia, combate à violência e geração de trabalho e renda?
7. Que equipamentos e serviços públicos foram criados para atender às necessidades das comunidades atingidas, especialmente das mulheres?
8. Quantas mulheres estão aguardando moradia? Quando as casas serão entregues?
9. Quais ações de médio e longo prazo estão previstas para garantir uma reconstrução justa, reparação das perdas e fortalecimento das redes locais de cuidado?
10. Como os movimentos feministas, de mulheres e a sociedade civil poderão acompanhar, de forma pública, transparente e periódica, a prestação de contas dessas ações?

Após um ano e três meses, não aceitamos silêncio, descontinuidade ou promessas vazias. Queremos compromisso formal, resposta oficial por escrito e cronograma de implementação com prazos e canais de participação efetiva da sociedade civil.

***“Nossa memória segue viva, e é ela que nos move:
não esquecemos para que não se repita”.***

Assinam lideranças e integrantes de organizações que participaram das Oficinas Incidência Política para Justiça Reprodutiva e Climática, realizadas nos dias 1 e 2 de agosto de 2025, em Porto Alegre:

Bruna Ghiorzi

Clínica Feminista Antirracista Interseccional - Projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Cris Machado

Plantão Materno

Chirlei Fischer

Movimento das Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos do Rio Grande do Sul (MTD-RS) e Grupo de Base Erotildes Brasil

Claudia Prates

Marcha Mundial das Mulheres

Claudia Stella Rodrigues Santana de Resende

Diretora de Mulheres do Sindibancários



Fabiane Dutra

Presidenta do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher do Rio Grande do Sul (CEDM)

Lia Eloisa Batista

Núcleo de Estudos da Prostituição (NEP)

Michelle Vieceli

Povoada

Nicole Ballesteros

Presidente da Associação Portal Catarinas

Patrícia Wonglon Marques

A Roça, A Casa dos Orixás

Paula Guimarães

Diretora Executiva Associação Portal Catarinas

Raquel Santin Moura

Movimento das Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos do Rio Grande do Sul (MTD-RS) e Grupo de Base Erotildes Brasil

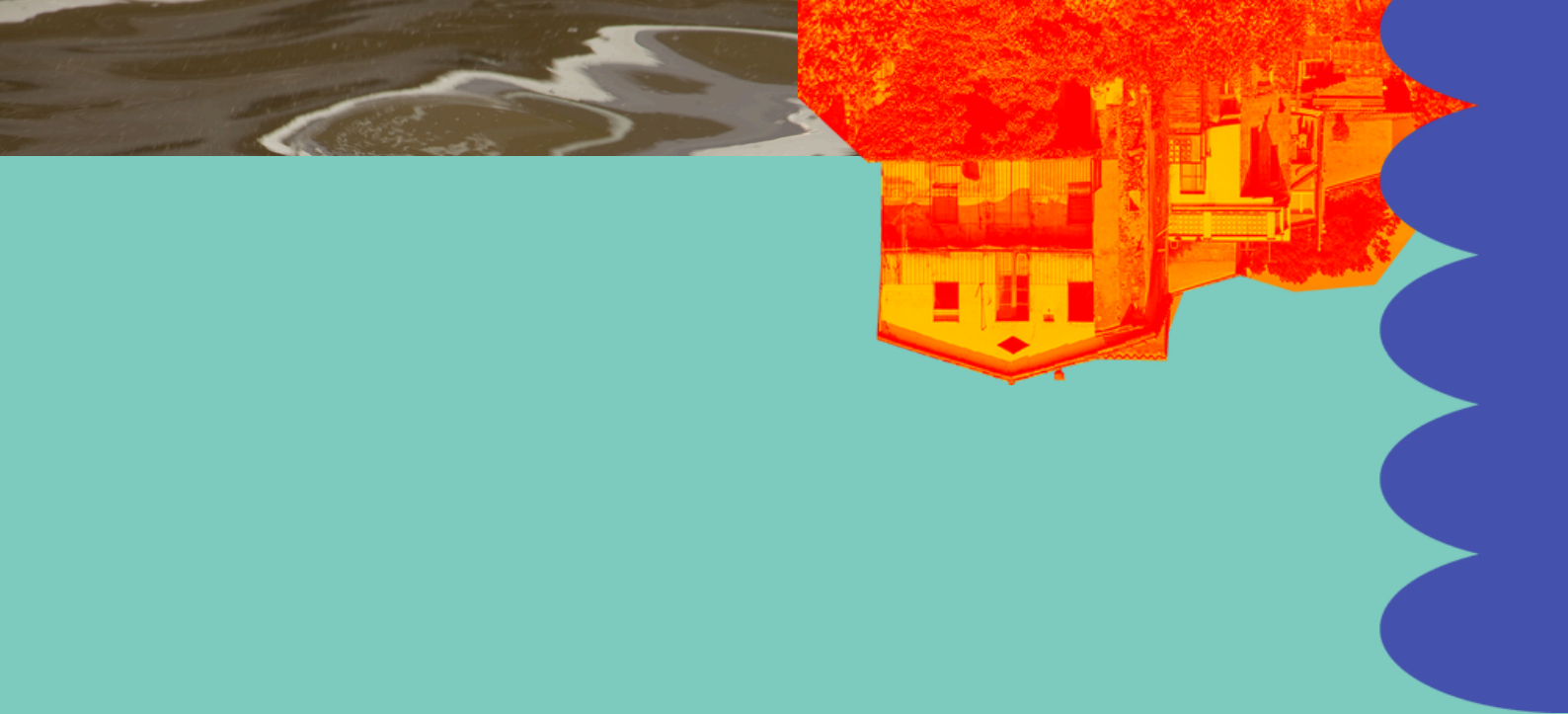
Renata Jardim

Fórum Aborto Legal RS

Tayara Maronesis

Instituto E Se Fosse Você?





“ —

**E AGORA, O QUE VAI SER
DE NÓS? QUANDO VAI
ACONTECER DE NOVO?**

— ”

**MEMÓRIAS, PERDAS E RESISTÊNCIAS DAS MULHERES
NAS ENCHENTES DO RIO GRANDE DO SUL**



PROGRAMAÇÃO COMPLETA



PROGRAMAÇÃO DO ENCONTRO

OFICINAS: INCIDÊNCIA POLÍTICA PARA
JUSTIÇA REPRODUTIVA E JUSTIÇA CLIMÁTICA

Dia 01/08 | Sexta-feira de noite | 19h – 21h30

19h - 19h15 Chegança e café de acolhida

19h15 - 19h30 Apresentação da atividade: quem somos,
por que estamos aqui e o que vamos construir juntas

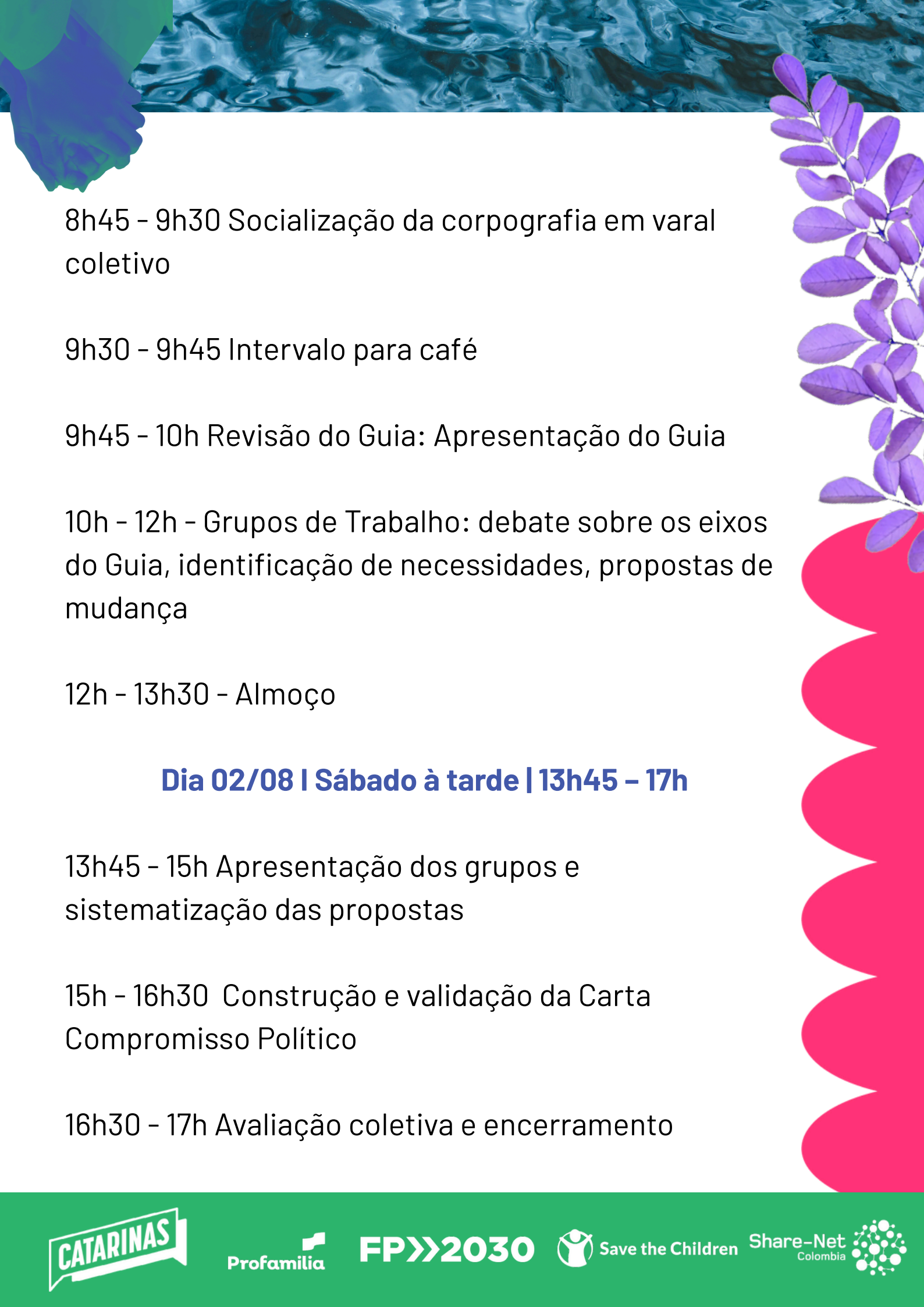
19h30 - 19h50- Teia de cuidado com apresentação de
todas

20h - 21h - Corpografia: autocuidado, vivências e
escuta do corpo - território

21h - 21h30 - Fechamento da atividade do dia

Dia 02/08 | Sábado de manhã | 8h30 – 12h

8h30 - 8h45 Chegança com café e música



8h45 - 9h30 Socialização da corpografia em varal coletivo

9h30 - 9h45 Intervalo para café

9h45 - 10h Revisão do Guia: Apresentação do Guia

10h - 12h - Grupos de Trabalho: debate sobre os eixos do Guia, identificação de necessidades, propostas de mudança

12h - 13h30 - Almoço

Dia 02/08 | Sábado à tarde | 13h45 - 17h

13h45 - 15h Apresentação dos grupos e sistematização das propostas

15h - 16h30 Construção e validação da Carta Compromisso Político

16h30 - 17h Avaliação coletiva e encerramento



“ —
| MEMÓRIAS SÃO
CICATRIZES: QUE NUNCA
SE ESQUEÇA, PARA QUE
NUNCA MAIS ACONTEÇA. |
— ”

MEMÓRIAS, PERDAS E RESISTÊNCIAS DAS MULHERES
NAS ENCHENTES DO RIO GRANDE DO SUL

REALIZAÇÃO:



APOIO:



FP>>>2030

